

## A ARTE DE DIDE BRANDÃO NA IGREJA IMACULADA CONCEIÇÃO: CIDADE DE ITAJAÍ

Carlos Eduardo Ignácio<sup>1</sup>

### Resumo

O texto aborda a arte de José Bonifácio Brandão – Dide Brandão (1924-1976) – na Igreja Imaculada Conceição na cidade de Itajaí, com o objetivo de propalar sua obra, a criação do curato e a edificação da primeira igreja da cidade. Tem por objetivo analisar a criação da cidade de Itajaí e do artista local sob a ótica de Giulio Carlo Argan (1909-1992) no que tange ao surgimento das cidades e de Giorgio Vasari (1511-1574) com relação à “Vida dos Artistas”. A Igreja Imaculada Conceição, patrimônio cultural itajaiense, será vislumbrada em suas raízes, indícios e sinais examinados no “Paradigma Indiciário” de Carlo Ginzburg (1939). Considerar o artista local Dide Brandão nas reflexões do ensaio “A Morte do Autor”, de Roland Barthes (1915-1980) é outro intuito. O estudo guia-se metodologicamente pela fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Almeja apresentar discussões acerca do lugar da obra, constituída na Igreja Imaculada Conceição ou na arte de Dide Brandão e elucidar os conceitos de autor e autoria. O resultado enfatiza um recorte das obras do artista, aquela que consta na primeira igreja da cidade de Itajaí.

**Palavras-chave:** José Bonifácio Brandão. Dide Brandão. J. Brandão. Igreja Imaculada Conceição. Itajaí.

## THE ART OF DIDE BRANDÃO IN THE IMMACULATE CONCEPTION CHURCH: CITY OF ITAJAÍ

### Abstract

The text addresses the art of José Bonifácio Brandão – Dide Brandão (1924-1976) – at the Imaculada Conceição Church in the city of Itajaí, with the aim of publicizing his work, the creation of the curate and the building of the first church in the city. It aims to analyze the creation of the city of Itajaí and the local artist from the perspective of Giulio Carlo Argan (1909-1992) regarding the emergence of cities and Giorgio Vasari (1511-1574) in relation to the “Life of Artists”. The Imaculada Conceição Church, cultural heritage of Itajaí, will be glimpsed in its roots, indications and signs examined in Carlo Ginzburg’s “Evidence Paradigm” (1939). Considering the local artist Dide Brandão in the reflections of the essay “The Author’s Death”, by Roland Barthes (1915-1980) is another purpose. The study is methodologically guided by the phenomenology of Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). It aims to present discussions about the place of the work, constituted in the Imaculada Conceição Church or in the art of Dide Brandão and to elucidate the concepts of author and authorship. The result

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) na linha de Teoria e História da Arte na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Mestre em Gestão de Unidades de Informação no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo) na linha de Informação, Memória e Sociedade na Universidade do Estado de Santa Catarina. Professor da área de Linguagens e suas Tecnologias no Componente Curricular de Arte na Escola de Ensino Médio Victor Meirelles na cidade de Itajaí (SC). ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-1207-9882>> E-mail: [carlos.gestor@gmail.com](mailto:carlos.gestor@gmail.com).

emphasizes a selection of the artist's works, the one that appears in the first church in the city of Itajaí.

**Keywords:** José Bonifácio Brandão. Dide Brandão. J. Brandão. Imaculada Conceição Church. Itajaí.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta a arte de José Bonifácio Brandão – Dide Brandão (1924-1976) – presente na Igreja Imaculada Conceição, a primeira igreja edificada na cidade de Itajaí, situada no norte do litoral do Estado de Santa Catarina. O estudo de Giulio Carlo Argan (1909-1992) aponta que as cidades são lugares de convívio e de suporte para a arte, na qual a arquitetura tem papel de destaque, conferindo-lhe um caráter essencial na cidade, portanto a pesquisa apresenta-se nessa perspectiva entre a arte do artista local e o surgimento de sua cidade natal.

A Igreja Imaculada Conceição se entrelaça com o surgimento da cidade a partir de sua primeira edificação e de outras que o tempo fez contar, até mesmo construída por escravo de um dos fundadores. Nessa premissa, observa-se a igreja por meio de indícios, pistas ou sinais, em que os documentos pesquisados revelam mais do que dados, possibilitam uma análise fenomenológica ou, como o próprio Carlo Ginzburg (1939) relata no texto do “paradigma indiciário”, uma análise sintomal, despertando o olhar do pesquisador para os detalhes dessa edificação que por várias ampliações e/ou novas adequações criou sua própria arquitetura e, em seus detalhes possa esconder indícios para interpretar o contexto social da época.

A cidade nasceu e cresceu ao redor desse templo religioso que foi edificado próximo ao rio Itajaí-Açu, apenas uma praça os separa. Dois pontos são fundamentais e simbólicos para o surgimento oficial da cidade: o rio como primeira via que trouxe inúmeros imigrantes a esse território, e a igreja que simboliza o poder do catolicismo nessas terras. A igreja encontra-se com sua fachada principal, sua porta de entrada voltada ao rio, servindo como um troféu da criação do curato<sup>2</sup> e do surgimento da cidade àquele (rio) que é o maior bem que o itajaiense possui.

---

<sup>2</sup> **Curato** era considerado uma zona geográfica eclesiástica da Igreja Católica, comunidade religiosa com uma Igreja menor ou uma Capela, na qual um Cura residia e organizava as atividades religiosas sob a dependência de uma paróquia e um capelão.

Os detalhes secundários que os documentos acabam não revelando com minúcias, tratam de sua arquitetura que se concluía a cada manutenção, ampliação e em épocas contemporâneas, restauração. A edificação serve como testemunha de um tempo e de valores cristãos para dar alicerce à cidade. Com o passar das décadas, tornou-se não somente um patrimônio católico, mas cultural, histórico e artístico; além da arte sacra, observa-se a pintura do artista Dide Brandão.

A arte de José Bonifácio Brandão, ou Dide Brandão como é conhecido em Itajaí, trouxe reconhecimento nacional ao artista. J. Brandão (assim assinava sua arte) foi pintor, desenhista e escultor, permaneceu envolto com a arte durante toda sua vida com a influência de seu avô e pai desde a infância. Dide Brandão faz parte da história da cidade de Itajaí e, em especial, esse estudo aborda um recorte de sua arte, aquela que consta na primeira igreja da cidade.

A presente pesquisa investiga a constituição da cidade de Itajaí por meio do mais importante patrimônio cultural e da obra existente do referido artista local. No primeiro momento abeira-se na presença do colonizador/fundador no surgimento da cidade de Itajaí, traçando um paralelo da criação do curato à edificação da primeira igreja. Analisar a igreja também como uma obra de arte pode determinar que espaços urbanos são compostos por arte, e o que a produz é a necessidade para os que vivem e utilizam esse espaço. Pensar assim define o porquê da edificação dessa igreja, Argan (2005) auxilia para uma melhor compreensão quando aborda uma história da arte como história da cidade, e mais, como uma história da fenomenologia que consiste em uma dimensão espaço-tempo que é a própria cidade.

Nesse aspecto, vale salientar a importância de Giorgio Vasari (1511-1574), considerado o “pai” da história da arte, por contar para as cidades italianas, quais são os maiores artistas da época, ou seja, conta a história das cidades pela grandeza de seus artistas, legitima a cidade e nasce a história da arte pela vida dos artistas. Compreende-se mais um tempo da pesquisa, a biografia do artista, é nesse segundo momento que aborda reflexões sobre a vida do artista Dide Brandão e o lugar de sua arte nesse contexto.

As marcas da biografia de Dide Brandão auxiliam a explicar sua obra, uma vez que a biografia é a vida, e a vida explica a obra. Vasari, em 1550, já mostrava como as cidades foram crescendo a partir da vida dos artistas, aponta que os artistas contribuíram com grandes feitos para as cidades e para a arte. No território local, pensar a vida de Dide Brandão e sua obra na primeira igreja da cidade, aquela que se ergue como marco zero do desenvolvimento urbanístico da cidade de Itajaí, vem ao encontro do pensamento de Vasari.

Segundo Argan (2005, p. 23) “Vasari concebe a história da arte como uma série de biografias de artistas [...]”. Esse agrupamento de biografias interessava aos humanistas; com o livro de Vasari concretiza esse interesse e acaba se tornando o mais célebre da história da arte por séculos. Vasari entendia que uma história careceria de fontes, documentos que servissem de repertório para instrumentalizar a história da arte. Com as fontes o autor sugeria uma dissecação dos fatos, na qual os documentos construíssem e comprovassem contextos artísticos.

Portanto o objetivo da pesquisa é tecer reflexões em relação ao patrimônio cultural local e propalar a arte de Dide Brandão na Igreja Imaculada Conceição, contando a criação do curato, sua edificação e o surgimento da cidade de Itajaí. O *corpus* investigativo concebe-se por visita a igreja e pelos acervos documentais e revisões bibliográficas extraídas de livros, periódicos, artigos e na observância de documentos no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí (CDMH), em que esses vestígios de memória foram utilizados como base histórica para a pesquisa; longe de serem tidos como verdade absoluta, serviram como indícios, pistas que apontaram um caminho de escrita e conduziram o pesquisador que, para Ginzburg, consistia na figura do caçador lendo pistas ao caminhar.

A pesquisa *in loco* foi utilizada para conhecer e observar os detalhes da arte de Dide Brandão e da arquitetura da Igreja Imaculada Conceição. Para atingir o objetivo proposto, o tratamento metodológico fundamentou-se na abordagem qualitativa, apreciando o *corpus* investigativo por meio de uma análise descritiva, uma vez que tem o desígnio de delinear as características de fatos e fenômenos analisando, descrevendo e interpretando os acontecimentos. Contudo, de cunho histórico indiciário para compreender suas relações no tempo, na história, na memória e na arte.

Nessa perspectiva, segue o método fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) que mostra o olhar entre o sujeito e o mundo, analisando essa relação na qual o olho abre o mundo para a alma. A obra de arte é o lugar de celebração da imagem tornando o espaço ideal de reflexão entre o mundo e o olhar.

## 2 DO CURATO À PRIMEIRA IGREJA: O SURGIMENTO DE UMA CIDADE

A cidade de Itajaí teve sua história, como muitas cidades catarinenses, principalmente aquelas que pertencem ao litoral do Estado de Santa Catarina. Localiza-se no encontro das águas do rio com o mar. Nasceu em um território disputado entre portugueses e espanhóis. As

disputas resultam no Tratado de Tordesilhas (1494) determinando que as terras do litoral catarinense até o município de Laguna pertenciam a Portugal. Portanto a cidade foi concebida por valores desde seus primórdios, seja por sua terra, pelo rio e por uma facilidade de circulação nas águas. No pós-urbanismo, o valor era empregado por seus colonizadores e, na contemporaneidade, por sua sociedade. Para Argan (2005), a cidade é uma realidade complexa que apresenta inúmeras analogias e como visualidade ela é, ao mesmo tempo, discurso, oratória e retórica.

A cidade por ser discurso carrega o mesmo nome do rio que recebe águas de vários afluentes e acaba por desembocar no Oceano Atlântico; encontra-se à sua foz e, mais do que legar seu nome a ela, oportuniza a circulação de pessoas e cargas e, com isso, a criação do porto desde seus primórdios. A falta de ruas na época fazia com que a movimentação constituísse mais fácil pelo rio Itajaí-Açu. Como as grandes cidades, Itajaí partilha do predicado de ter a igreja como marco de sua fundação e de seu desenvolvimento. Desse modo, a cidade é dinâmica, se organiza em um contínuo processo de criação/urbanização, busca sempre por uma “cidade ideal” (ARGAN, 2005).

Nos anos de 1500 a 1700, segundo Severino (2006, p. 299): “[...] mais de 100 mil portugueses se deslocaram para o Brasil-Colônia. Portugal temia invasões espanholas no Sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina [...]”. Em Itajaí, no ano de 1658, João Dias de Arzão ([1638?]-1697/8) um dos primeiros colonizadores, vem à procura de ouro atraído por histórias fantásticas de riquezas que por essas terras encontraria, recebe uma sesmária<sup>3</sup> às margens do rio Itajaí-Açu e fixa residência.

A partir de 1777, as terras começam a ser ocupadas, no princípio, por agricultores açorianos que vieram de Desterro, território que hoje é Florianópolis, em virtude de uma invasão por uma esquadra espanhola. Após a vinda dos agricultores, chegaram muitos colonos oriundos de São Francisco do Sul.

Após quase 200 anos da vinda de João Dias de Arzão, a atividade econômica era a extração de madeira e o plantio em terras férteis do território, hoje chamado de Itajaí. No ano de 1820, enviado pelo ministro de Dom João VI, aporta nessas terras Antônio Menezes de Vasconcelos de Drummond (1794-1865). Nesse momento histórico começa a distribuição de

---

<sup>3</sup> **Sesmária** era um sistema que surgiu em Portugal e foi adaptado no Brasil, que estabelecia normas de distribuição de terras, destinadas a produção agrícola, como forma de estimular a agricultura no país e, perdurou até meados do ano de 1822.

terras e a abertura de ruas. Em anotações à sua biografia que consta nos anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Drummond relata:

A província de S.<sup>ta</sup> Catharina pela sua posição geographica, pelos seus portos, rio, lagos e mattas e pela fertilidade de seu terreno, deve merecer amplos cuidados do governo. A enseada de Garopas é um dos melhores portos do mundo. A caixa d'agua pode conter innumerous navios abrigados de todos os ventos (...). A pesca é o viveiro de marinheiros e produz muito alimento barato. (...) elevar aquella província a um gráu de grande prosperidade<sup>4</sup> [...]. (DRUMMOND, 1836, p. 11).

A pesca, extração de madeira, plantio, entre outras atividades desenvolvidas e a abertura de ruas fizeram com que o comércio nessas terras ganhasse força. Nesse momento aparece, na história do surgimento da cidade de Itajaí, Agostinho Alves Ramos (Portugal s.d-1853), comerciante português que chegou nessas terras em 1823. Tornou-se um líder, pois cedeu uma das salas de sua casa para encontros religiosos, assim sua liderança aumentava cada vez mais.

Agostinho requereu ao bispo do Rio de Janeiro, Dom José Caetano da Silva Coutinho (1768-1833), Diocese a qual pertencia a Província de Santa Catarina, a criação de um curato. Seu pedido resultou na instalação do Curato do Santíssimo Sacramento de Itajaí em 31 de março de 1824, com a nomeação do primeiro vigário do povoado. “O padre tinha, entre suas funções, contar o número de ‘almas’ – convertidos ao catolicismo -, além de registrar os nascimentos, os batismos, os falecimentos e visitar as famílias.” (SEVERINO, 2006, p. 300). Em função do curato e da edificação da igreja, as ruas foram sendo definidas e começaram a existir itajaienses, pois para época teriam que ser batizados nessa igreja, que se tornou um símbolo da fé do povo da cidade de Itajaí.

A história documental relata que, no dia 02 de abril de 1824, o casal José Coelho da Rocha e Maria Coelho da Rocha, que viveram nessas terras nos anos de 1800 e já eram conhecidos como devotos do Santíssimo Sacramento, doaram as terras para a edificação da primeira igreja e a instalação do cemitério da cidade. Até então, os mortos eram enterrados do outro lado do rio Itajaí-Açu; hoje, conhecida como a cidade de Navegantes.

Nessa época se ergueu a primeira edificação de pau a pique do catolicismo no povoado de Itajaí, pequena e frágil, conforme Severino (2006, p. 300): “Dez anos após a criação do Curato, o povoado possuía aproximadamente 1686 habitantes, sendo 1526 livres e 160

---

<sup>4</sup> Citação escrita conforme a ortografia utilizada por Antônio Menezes de Vasconcelos Drummond em sua biografia, consta nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Destinada à guarda da memória da escritura. .



escravos.”. A residência de Agostinho era praticamente ao lado do terreno doado para a construção da primeira igreja da cidade de Itajaí, conforme observa-se na figura 1, com data da década de 1920. A igreja não aparece na foto, mas está a sua direita e a casa de Agostinho representada pela seta em edição realizada pelo pesquisador.

**Figura 1.** Casa de Agostinho Alves Ramos



Fonte: Acervo do Centro de Documentação e Memória Histórica (1923), editado com a seta pelo autor (2022).

A igreja edificada em louvor ao Santíssimo Sacramento, anos depois, passou a ser em louvor à Imaculada Conceição, seguindo até aos dias de hoje como sua padroeira. Nessa mesma época, começa a instalação das primeiras colônias de imigrantes no sul de Santa Catarina.

Em 1829, foi instalada, no Estado, a primeira colônia de alemães, em São Pedro de Alcântara. Pouco depois, em 1837, a colônia Nova Itália, e, em 1850, a colônia Blumenau, no Vale do Rio Itajaí-Açu. Depois surgiram no Itajaí-Mirim, a colônia Itajaí – Príncipe D. Pedro, atuais municípios de Brusque, Guabiruba e Botuverá. O porto de Itajaí foi central nos processos de colonização no vale, mesmo antes da formação da cidade. (SEVERINO, 2006, p. 299).

No ano de 1833, o povoado foi elevado à Paróquia do Santíssimo Sacramento, acrescido nesse momento de Nossa Senhora da Conceição e, em 1859, conforme D’Ávila no livro “Pequena história de Itajaí”, descreve como era o território da cidade,

[...]. Em 1859, o município de Itajaí tinha uma extensão muito maior. O seu termo – como então se dizia –, isto é, o seu território, [...] se limitava ao norte com São Francisco do Sul, pelo rio Itapocu, ao sul com Porto Belo, pelas vertentes do Morro do Boi, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com Lages, pelos contrafortes da Serra Geral. (D'ÁVILA, 2018, p. 21).

A cidade de Itajaí foi criada pela Lei n.º 164, de 04 de abril de 1859, mas somente em 15 de junho de 1860 foi oficializada sua fundação por meio de ata da instalação da cidade de Itajaí. Oficializada a cidade de Itajaí e erguida a primeira igreja, principia o crescimento ao seu redor e a arquitetura das casas e edificações dos colonizadores e imigrantes começam a surgir, fazendo a arte aparecer nos frontões<sup>5</sup>, colunas, aberturas, telhados e torres. Argan (2005) aponta que a cidade não apenas beneficia a arte, como é ela (cidade) uma grande obra de arte que vai se compondo com o passar dos tempos de forma coletiva.

Analisar a cidade é vivenciá-la, perpetrar sua história, suas memórias e sua arte, de tal modo que a imagem da cidade aflora em cada pessoa valores históricos, simbólicos e artísticos. Simmel (2011, p. 23) quando escreve sobre as cidades italianas, também comunga da visão de cidade como obra de arte, ao escrever Roma, relata: “São quase só as cidades antigas, crescidas sem um plano premeditado, que oferecem um tal conteúdo à forma estética; aqui, as formas que nasceram de finalidades humanas e que aparecem como simples materializações do espírito e da vontade [...]”, assim representam um valor que vai além de suas finalidades. É preciso pensar nesses valores e na estética da edificação da primeira igreja da cidade de Itajaí, se faz necessário contar para reviver e ressignificar sua história e as várias memórias vivenciadas naquele lugar.

### 3 IGREJA IMACULADA CONCEIÇÃO

A Igreja Imaculada Conceição se encontra edificada no mesmo lugar em que a primeira capela foi erguida. Essa igreja aparece como testemunha do passado, um vestígio de memória que se materializou na história e nas lembranças do itajaiense. A narrativa dessa igreja se entrelaça com o início da cidade de Itajaí, desde a fundação do curato em 1824 e a nomeação do Frei Pedro Antônio Agote (s.d-1834?), como Capelão-Cura de Itajaí. A partir desse tempo,

---

<sup>5</sup> **Frontões** são ornamentos arquitetônicos que geralmente decoram a fachada principal da edificação, encontrados em sua maioria de forma triangular e colocados acima da estrutura horizontal, apoiados por colunas. Foram encontrados na história da arte e arquitetura em 600 a.C. nas arquiteturas gregas antigas.



as manifestações de fé religiosa eram efetivadas por um comando eclesiástico, considerado na época como um dirigente espiritual das almas dos moradores da cidade.

No documento de doação do terreno para a edificação da capela, pelo casal Coelho da Rocha, consta uma cruz; era um hábito das pessoas analfabetas quando doavam algo à Igreja. Os documentos relatam a construção de uma pequena casa que chamavam de “Casinha de Nossa Senhora”, nesse singelo espaço havia a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Essa pequena construção feita de pau a pique<sup>6</sup> foi inaugurada em 1824, em virtude de tempestades e ventos muito fortes, a construção não se manteve por muito tempo.

O início de um patrimônio cultural para uma cidade vem imbuído da vontade de se conservar às futuras gerações, apresentar as heranças do passado à contemporaneidade. Portanto para cada época é uma decisão difícil: ou conserva-se, ou opta-se pela demolição de algumas dessas marcas do passado histórico, simbólico e artístico, e essa escolha cabe à coletividade, à vontade composta pelas pessoas que compõem essa sociedade. É, sem sombra de dúvidas, essa vontade, essa decisão que habita na origem das cidades, uma vez que Vasari contou a história das cidades italianas pela grandeza de seus artistas. Itajaí é contada por seu curato e pelo surgimento de sua primeira igreja.

Entre o período de 1835-37 a 1840 acontece a substituição dessa pequena casa, ainda construída com paredes de taipa<sup>7</sup>, por uma capela edificada em pedra e cal por Simeão, que era pedreiro e escravo de Agostinho. As colunas da atual igreja que sustentam as arcadas ainda são as construídas por Simeão. “Em 1843, o governo provincial socorre (...) a [igreja], cuja obra foi entregue e confiada a Agostinho Alves Ramos.” (OLIVEIRA, 2011, p. 224-225). A igreja teve maus momentos em relação a sua edificação, havia se deteriorado. Sem recursos para sua manutenção e em condições precárias, no ano de 1849, o vigário resolve celebrar as missas em sua casa.

A edificação não resistiu (1851), mas as imagens de santos foram armazenadas na casa de Agostinho, inclusive “Foi Agostinho Alves Ramos que trouxe a imagem de Nossa Senhora da Conceição.” (MACHADO, 2001, p. 76). Essa imagem de origem portuguesa talhada em madeira, recebeu uma coroa em prata que “[...] foi doada por José Eugênio Muller (1889 –

---

<sup>6</sup> **Pau a pique** é uma técnica de construção antiga e artesanal que consistia no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, amarradas entre si por cipós. No Brasil esse sistema construtivo foi o resultado entre técnicas de indígenas, africanos e portugueses.

<sup>7</sup> **Taipa** é um material que tem como base a argila e tinha como objetivo erguer paredes. Na história da arte foram encontrados vestígios desde o período Neolítico e também posterior muito utilizados pelos orientais.

1973), em 1904, quando da comemoração do dogma da Imaculada Conceição.” (MACHADO, 2001, p. 76). É importante analisar cada etapa da edificação da igreja, pois se Argan (2005) atribui a cidade como obra de arte, cabe olhar a igreja como tal e, pelos estudos do paradigma indiciário, “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime [neste nosso caso, da igreja] baseado em indícios imperceptíveis para a maioria.” (GINZBURG, 1989, p. 145).

Foi necessária a demolição da igreja, construindo outra no mesmo lugar. Em fins de 1852, as obras estavam em meia parede e, em 1855, a capela-mor<sup>8</sup> possuía cobertura, mas, somente em 1865, a obra foi concluída. Poderiam ter deixado as ruínas da antiga igreja, como ocorre em tantas grandes cidades em que elas (as ruínas) passam a ser o monumento, sem a necessidade de reconstruí-las, atribuindo um valor estético e simbólico, uma referência para a contemporaneidade, para a história da arte, da cidade e da arquitetura empregada. Porém para a época, o valor da igreja de Itajaí estava não somente no local, mas que ali precisava existir “de pé” a primeira igreja da cidade; sobre essa atribuição de valor, Argan (2005) esclarece que os valores são atribuídos de modo universal por toda uma sociedade, mesmo se, em uma inicial ocasião, a ação ocorrer por uma parcela desta comunidade.

Assim, os precursores desse território precisavam mostrar o local do início da cidade, da edificação erguida, viril e imponente mostrando o valor de seus fundadores, o poder e principalmente a força do catolicismo nessas terras. Tanto que a transferência do cemitério também se deu por forças dessas pessoas que ficavam incomodadas de ter a imagem do cemitério presente no entorno das grandes casas que se constituíam ao redor da igreja em virtude do crescimento da cidade.

O cemitério, que ficava atrás da igreja, foi transferido para outro lugar em 1863, anos depois construíram a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento e, novamente, ocorreu a mudança de local do cemitério, desta vez foi para o bairro Fazenda, no qual se encontra atualmente. Outro momento de grande relevância para o desenvolvimento da cidade foi a abertura da rua da Igreja, hoje conhecida como Hercílio Luz, principal rua do comércio de Itajaí, assim a cidade se expandia para a zona oeste de suas terras.

A partir do ano de 1889 começa uma nova fase para a Igreja Imaculada Conceição com o projeto de alargamento da igreja, estudo que teve como arquiteto Reinhold Roenick. Nesse

---

<sup>8</sup> **Capela-mor** é a principal capela em uma Igreja, na qual encontra-se o altar-mor que é o maior altar, ficando sempre na extremidade oposta à entrada primordial da Igreja.

período, construíram a torre, o coro e o batistério, além da colocação do relógio que foi doado pela comunidade; as obras foram concluídas em fevereiro de 1899, com a colocação do novo altar-mor feito com madeira canela, em estilo romano.

**Figura 2.** Igreja Imaculada Conceição



Fonte: Acervo do Centro de Documentação e Memória Histórica (1902).

A Igreja Imaculada Conceição foi construída em várias etapas, os vãos abertos pela destruição das paredes antigas tiveram um acabamento em arcadas, com arco abatido<sup>9</sup>. Com isso, acabou-se por formar as naves<sup>10</sup>, conforme é possível observar na figura 3, em que do lado

<sup>9</sup> **Arco abatido** é um dos desdobramentos do arco ogival. Surgiu no século XV entre os períodos do pós-gótico e do gótico flamejante.

<sup>10</sup> **Nave** é um termo arquitetônico empregado à ala central de uma Igreja, na qual os fiéis se reúnem. Uma Igreja pode possuir mais de uma nave, sendo a principal chamada de nave central, geralmente separadas por meio de colunas e arcadas.

esquerdo encontra-se o altar de Nossa Senhora de Lourdes e, no direito, o altar de Nosso Senhor dos Passos. A igreja possui a capacidade para 150 pessoas em seu interior.

A igreja continuamente foi passando por reformas e ampliações: em 1920 novamente uma melhoria ocorreu em sua estrutura, inclusive aumentando a torre. Em 1960, o altar-mor em estilo romano foi reformado e, no mesmo ano, com a orientação de José Bonifácio Brandão – Dide Brandão, foram refeitas as pinturas externas e internas da igreja. Em 1961-2, sobre o arco do cruzeiro, de autoria de Dide Brandão, foi pintado um mural com sete anjos sombreado em sépia, contemplando a nave central, conforme também observado na figura 3.

**Figura 3.** Os arcos da Igreja Imaculada Conceição



Fonte: Fotografia do autor (2022).

Por ser a primeira igreja da cidade de Itajaí e por haver ainda colunas dessa edificação, ela é conhecida popularmente como “a igreja velha” ou “igrejinha velha”. Conforme as memórias de Rothbarth (2010, p. 28), “A igrejinha velha, como é carinhosamente conhecida, era o ponto de encontro dos amigos e das famílias, nos domingos, após a missa das dez. Ali, os jovens, muitas vezes, começavam um namoro que chegava ao casamento.” Vieira e Silva (2016, p. 120) do mesmo modo, trazem lembranças dessa igreja que é o patrimônio mais antigo e significativo para a história da cidade de Itajaí: “Os passos arrastados do seu Florindo, sacristão zeloso, italiano de fé, ainda se ouvem nas providências para acender todas as velas, ajeitar bem



as flores, terminar o seu ritual quando batia o sino da porta da Sacristia, convidando o celebrante para o Santo Ofício.”. É perceptível que ao longo dos anos mais histórias irão se agregar as já existentes para compor e contar a história da primeira igreja da cidade.

A igreja, por sua importância histórica, cultural e artística, no ano de 1998, foi tombada pelo governo de Santa Catarina por meio do Decreto nº 2.994 de 25 de junho e, no dia 26 de junho de 2006, por meio do Decreto municipal nº 7.926, ocorre o tombamento da mesma. “Fica homologado o tombamento (...), da ‘IGREJA IMACULADA CONCEIÇÃO’ situada na Praça Vidal Ramos, nesta cidade.” (ITAJAÍ, 2006). Destarte, mesmo após seu tombamento, ela acabou sendo interditada no ano de 2013 quando parte do seu teto desabou. No ano seguinte, o governo municipal acordou para que fosse realizado o projeto de restauro, identificando as questões estruturais da construção. Somente no ano de 2016 a obra foi iniciada e seu término ocorreu no ano de 2018.

**Figura 4.** Fachada atual da Igreja Imaculada Conceição.



Fonte: Fotografia do autor (2021).

Importa mostrar de forma detalhada toda sua história, torna-se um saber indiciário, uma vez que a pesquisa da igreja se articula com diversas áreas do conhecimento, sejam elas históricas, simbólicas ou artísticas, em que sua arquitetura foi o grande embate nos documentos analisados, em virtude de inúmeros reparos e ampliações no decorrer dos anos, em busca de todo e qualquer vestígio.

A arquitetura atual em estilo eclético é o resultado de inúmeras intervenções e remodelações/ampliações ao longo dos séculos, edificação está iniciada por Simeão. Importa mencionar que “[...] uma cidade não é apenas o produto das técnicas da construção [...]” (ARGAN, 2005, p. 75), elas servem para tornar a cidade visível e visualizar os diferentes estilos existentes. A Igreja Imaculada Conceição torna-se o marco do nascimento da cidade e, além disso, uma referência para que Itajaí se desenvolvesse ao seu redor.

[...] ‘A cidade’, dizia Marsilio Ficino, ‘não é feita de pedras, mas de homens.’ São os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não somente os arqueólogos ou os literatos. Devemos, portanto, levar em conta, não o valor em si, mas a atribuição de valor, não importa quem a faça e a que título seja feita. De fato, o valor de uma cidade é o que lhe é atribuído por toda a comunidade [...] (ARGAN, 2005, p. 228).

Visualizar essa igreja, sua história, memórias e sua arquitetura é também conhecer a vida do artista José Bonifácio Brandão, que além de ter supervisionado em determinado momento histórico o projeto de pintura interna e externa da mesma, há obra artística de sua autoria em seu interior, abonando visibilidade na história da arte de Itajaí. Como Argan no livro “História da arte como história da cidade” e Vasari na “Vida dos artistas” aprofundam o entendimento do papel do artista na relação com o ambiente, é preciso conhecer a história de vida desse artista itajaiense.

Para compreender a vida do artista no contexto da história da arte, seja ela local ou não, é preciso analisar a arte no tempo. Importa organizar um “desenho-historiográfico” mental que curse os séculos, considerar a obra de Giorgio Vasari, vislumbrando a repercussão que seu modelo de biografias dos artistas constituiu como primor para a história da arte e estudos históricos-artísticos nesse desenho entre os séculos. Uma vez que inúmeros autores buscaram suplantar o padrão vasariano, instituindo estratégias de ver e analisar a arte no tempo de forma a criar estilos, gêneros e categorias.



#### 4 JOSÉ BONIFÁCIO BRANDÃO – DIDE BRANDÃO – J. BRANDÃO

Ao final do século XIX, o modelo de biografias de artistas se tornou mais sucinto e adequou observar a história da arte por meio de apenas uma biografia, ou seja, um único artista a ser compreendido em sua vida e obra, cunhando, portanto, o gênero monográfico. Igualmente, a história da arte começa a entender a individualidade do artista. É notório que o livro de Vasari: *A Vida dos Artistas*, escrito originalmente em 1550, por mais que as biografias fossem individuais, elas ajuizavam um conjunto perfazendo uma análise global, instituindo a primeira narrativa da história da arte disposta por nomes, sobrenomes e histórias desses artistas. A história da arte começava a estabelecer uma teia com nomes de artistas e obras.

As biografias escritas por Vasari compreendiam um padrão biológico: nascimento, no qual abordava a infância e juventude, o ápice e/ou declínio, abordando a descrição e avaliação das obras e morte do artista; o único artista que ele descreve em seu livro que estava vivo foi Michelangelo. Observa-se, nos anos seguintes, a história da arte experimentar diferentes recursos que permitissem deixar de fazer somente biografias, evitando apenas uma lista de nomes de artistas, mas entender a arte como uma historiografia pautada pela narrativa das vidas, das obras, dos estilos, gêneros e categorias. Importa, nesse momento, conhecer a vida de José Bonifácio Brandão por meio da narrativa de sua história de vida, pautada em muito dos critérios de construção de biografia compreendida por Vasari.

Em 1924, na cidade de Itajaí nascia José Bonifácio Brandão. Em sua infância a arte era presente, pois seu avô Manoel Marques Brandão (Porto/Portugal-1919), fundou o teatro em Itajaí, inclusive utilizava a sala de sua casa como primeiro espaço de representação da arte cênica na cidade. Dide, como era chamado na família constituída por quinze irmãos, foi igualmente influenciado por seu pai João Marques Brandão (1880-1930), conhecido por Joca, conforme Peyerl (2010, p. 418): “[...] Joca Brandão, foi destaque como ator, encenador e orador. (...) quando tinha 17 anos foi eleito o primeiro presidente da hoje conhecida Sociedade Guarani onde no mesmo ano juntamente com seus irmãos Félix e Apolinário, cria o Corpo Cênico de Itajaí [...]”, que era um grupo amador de teatro na cidade.

O avô de Dide Brandão, além da influência artística na fundação do teatro na cidade, também era um colecionador, apresentava uma repleta coleção de objetos e documentos variados, o que hoje é conhecido como um gabinete de curiosidades para a época era um museu.

Logo se tornou um espaço de referência da memória e da cultura local. Esses itens constam no inventário do acervo existente do Seminário de Azambuja na cidade de Brusque (SC), pois em 1930, seu filho Joca Brandão (pai de Dide) doou o acervo em troca dos estudos de um outro filho seu.

Dide Brandão começou seus estudos no Colégio São José, na cidade de Itajaí, desde tenra idade, ressalva aparências de um autodidata. Anos mais tarde, decidiu aperfeiçoar seus estudos e técnicas por meio de professores particulares, que ensinaram a pincelada e o traço, marca registrada em seus trabalhos.

No período em que Dide estudou com professores particulares, é possível ver em suas obras iniciais as influências de seus mestres. No Rio de Janeiro, de 1946 a 1949, Dide estudou com Carlos Chambelland. Acredita-se que Chambelland foi um dos que mais influenciaram o início de Dide. Nos anos de 1950 e 1951, o professor de Dide foi Rodolfo Chambelland, irmão de Carlos Chambelland, também retratista e pintor de figuras. Durante sua trajetória artística e como professor, ficou mais conhecido por pintar cenas de costumes e de gênero. Em seguida, Dide passou a ter aulas com Aldo Cardarelli em Campinas (SP), em 1952 e 1953, e por fim com Caterina Baratelli no Rio de Janeiro, de 1954 a 1956. (PEYERL, 2017, p. 107).

As aulas particulares e seu comprometimento com a evolução artística que outrora já tinha fizeram com que Dide recebesse vários prêmios, dentre os quais: menção honrosa no V Salão Municipal de Belas Artes, no Rio de Janeiro em 1952 e, no ano seguinte, agraciado com o prêmio João Daudt de Oliveira com a obra “trabalho na arte”. Comtemplado com a medalha de bronze no LX Salão Nacional de Belas Artes, também do Rio de Janeiro, com a obra “natureza morta” em 1958. Nessa época, Dide assinava sua arte como J. Brandão, participava de circuitos de arte quando ingressou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Estudou durante quatro anos na Escola de Belas Artes (1956-1960), teve contato com diferentes técnicas e manifestações artísticas, passando do academicismo ao modernismo, utilizava inúmeros materiais para a composição de sua arte.

Em seu último ano na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Dide foi o vencedor do 1º Salão de Alunos da Escola, com o prêmio “Tribuna da Imprensa”, no mesmo salão também foi contemplado com o prêmio Escultura com o título de “Três Marias”. (PEYERL, 2010). Segundo os historiadores locais, foi “o mais notável artista visual itajaiense”, com inúmeros prêmios e exposições, sendo reconhecido nacionalmente.

Dide Brandão fez sua primeira exposição individual em 1954 no Hotel Lux em Florianópolis passando depois disso por Blumenau no Teatro Carlos Gomes, em anos diferentes fez exposições em Joinville no Salão Harmonia Lyra, Lages no Salão Clube 14 de Junho, Curitiba no Salão da Biblioteca Pública do Paraná, em Brasília na Galeria do Hotel Nacional, novamente no Rio de Janeiro só que desta vez no Museu Nacional de Belas Artes. (PEYERL, 2010, p. 422).

Em 1955, volta a sua cidade natal, realiza sua primeira exposição individual em Itajaí no Salão da Sociedade Guarani, da qual seu pai havia sido o primeiro presidente. E seguiram-se outras mostras individuais e exposições coletivas em várias cidades brasileiras, projetando suas obras no meio artístico nacional e conquistando alguns prêmios.

No ano de 1962-3, Dide vai residir em Brasília (DF) e inaugura a Galeria de Arte “Banga”. A inspiração do nome foi referente a uma casinha que seu pai Joca construiu no fundo do terreno de sua casa em Itajaí, funcionando como um ateliê, onde ocorreram as primeiras criações do artista, chamada pela família de Banga. Em Brasília também foi sócio fundador da Associação de Artistas Plásticos, recebendo o título de “emérito professor”.

**Figura 5.** Dide Brandão na Galeria Banga



Fonte: Acervo do Centro de Documentação e Memória Histórica (1962).

No ano de 1974, J. Brandão teve seu reconhecimento com seu nome incluído no Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos, organizado por Carlos Cavalcanti, edição do Instituto Nacional do Livro e Ministério da Educação e Cultura. Dide Brandão não foi o único a se destacar no cenário artístico, seu irmão Arnaldo Brandão era escritor e ocupou a cadeira nº 1 da Academia Catarinense de Letras.

Em 1º de fevereiro de 1976, um acidente na BR-101 tira a vida de Dide, deixando o Estado de Santa Catarina em luto pela perda de um de seus mais importantes artistas visuais. Para Itajaí a perda foi enorme, pois no automóvel, além de Dide, estavam mais três de seus irmãos, inclusive o escritor Arnaldo Brandão (1922-1976).

No ano de 1982, na antiga edificação do Grupo Escolar Victor Meirelles passa a funcionar a Casa da Cultura de Itajaí, o nome escolhido para homenagem foi do artista José Bonifácio Brandão, denominada de Casa da Cultura Dide Brandão, na qual nascia com o objetivo de elevar o intelecto da sociedade, oportunizando vivências culturais, estéticas e desenvolvendo o senso crítico por meio das linguagens artísticas desenvolvidas nas oficinas, apresentações e cursos ministrados.

## 5 O ARTISTA E O LUGAR DE SUA OBRA

A partir do século XVI, uma nova reflexão apresentou-se, dessa vez o holofote projetou a história da imagem sobrepondo-se à vida dos artistas. Mesmo que o livro de Vasari continuasse a ser reeditado no século XVII, ainda se buscava uma alternativa ao padrão histórico-artístico vasariano, mas a leitura das biografias dos artistas ainda persistia.

Esse “desenho-historiográfico” mental ajustou para que a biografia fosse percebida como uma amostra literária aberta, sendo possível analisar uma imagem/obra, perfazendo uma narrativa do estilo empregado sem que se conhecesse sua autoria/autor. Destarte a leitura dessa imagem/obra poderia chegar a atribuir a autoria/autor na percepção dos detalhes que as obras expunham. Surge, portanto, no século XVIII, a história da pintura, e não mais com tanta ênfase a vida dos artistas. Obviamente a biografia faz parte da história da arte até a contemporaneidade, percebe-se isso quando, no século XIX, o modelo de Vasari ainda é empregado, muito embora seja para contar a vida de um artista e não mais como uma coletânea de biografias.

Chegando ao século XX, observa-se uma história da arte não mais centrada somente no artefato artístico, como também nos organismos igualitários da produção artística e na distinção intelectual, social e artística do autor, tornando o artista mais uma vez essencial na narrativa, em seu lugar na obra e na história da arte. O artista concebe-se como um sujeito criador e livre para tal criação, dominando uma ou inúmeras técnicas, um protagonista de sua própria narrativa da arte e de seu tempo.

Para conhecer o artista e o lugar de sua obra é preciso observar seu arquivo; no que tange ao Dide Brandão, possibilita perceber sua trajetória e propicia observar seu percurso artístico entre os movimentos, gêneros e categorias. É oportuno uma nova pesquisa para contar a trajetória artística do pintor itajaiense, do qual existe um arquivo pessoal com registros da sua vida pública e privada no Museu Histórico de Itajaí e no CDMH. Para essa pesquisa, em especial, vale conhecer a pintura realizada no arco da Igreja Imaculada Conceição.

A obra de Dide Brandão no arco da Igreja Imaculada Conceição é intitulada de “Os anjos” (fig. 6), nela o artista homenageou suas sete irmãs. A pintura mural em sépia data de 1961-2; conta a história que, ao terminar a obra, o artista levou suas sete irmãs em separado para apreciar a pintura e, nesse momento, Dide relatou a cada irmã qual era o anjo que a simbolizava. O artista deixou registrado que o anjo representava cada uma de suas irmãs em suas personalidades, portanto a Igreja Imaculada Conceição tem seu valor para o surgimento da cidade de Itajaí, e essa obra, em especial, tem valor para as irmãs do artista itajaiense. Assim, segundo Argan (2005, p. 25), “[...] a obra de arte não tem para nós o mesmo valor que tinha para o artista que a fez e para os homens da sua época. A obra é sempre a mesma, mas as consciências mudam.”. Oportuno pensar qual valor a obra proporcionava a Dide Brandão e suas irmãs e hoje como imagem/obra de arte na primeira igreja da cidade.

**Figura 6.** Os anjos - pintura de Dide Brandão na Igreja Imaculada Conceição



Fonte: Fotografia do autor (2022).

Ao observar a pintura mural “Os anjos”, alguns apreciadores ficam na dúvida se é uma escultura em virtude de suas linhas e pintura, mas na realidade a única forma em relevo são as mãos de um dos anjos que se apoia no arco, olhando para baixo na observância dos fiéis sentados nos bancos da igreja, dizem que é a representação de sua irmã mais curiosa. “A percepção assinala sempre e apenas o tempo do presente absoluto. A arte, cujo valor se dá na percepção, torna presente os valores da cultura no próprio ato em que os traduz e reduz a seus próprios valores.” (ARGAN, 2005, p. 26). Para despertar a percepção aos detalhes da obra é preciso visualizá-la em partes.

Ao olhar para os detalhes, o espectador interage com a pintura “Os anjos” e tem a sensação de observar um relevo, quase uma escultura, saindo da parede do arco da igreja. A pintura cria uma ilusão ótica que remete a técnica artística do *trompe-l’oeil*, Dide conseguiu criar uma ilusão, em que a forma bidimensional sugere ilusoriamente possuir três dimensões. Na figura 7, observamos o anjo cuja a personalidade remete a sua irmã mais curiosa, destaca-se entre todos os anjos, por ser o único que tem relevo na pintura, pontualmente em suas mãos, e olhando para baixo, observa toda a nave central da igreja.

**Figura 7.** Detalhe do anjo curioso e da mão em relevo da pintura “Os anjos” de



### Dide Brandão na Igreja Imaculada Conceição



Fonte: Fotografia do autor (2022).

Nesse jogo visual, o *trompe-l'oeil* cria uma interação com o público, pois: como não olhar e pensar o que o anjo quer ver, ou para quem está olhando, ou ainda a quem procura? Assim a pintura acaba por invadir o espaço de quem a observa e cria “corpo”, interagindo com o público.

A pintura mural compõe e agrega a arquitetura da edificação, tornam-se visíveis aspectos estéticos e simbólicos, declaração da linguagem estética de seu tempo e integrada à arquitetura, exibe a herança cultural por meio dos elementos estéticos que foram incididos por gerações. No que tange à imagem dos anjos, eles foram compreendidos ao longo da história da arte como uma anunciação ou uma ação que perpassava por uma reflexão do sagrado.

A figura do anjo foi e é fonte de inspiração para artistas de todas as épocas, a imagem em si, é um construção imagética que faz o elo entre o terreno e o celeste - a terra e o céu, exatamente como Dide Brandão fez, o celeste: como anjos com asas que se assemelham muito as imagens de anjos de artistas do período do Renascimento, em que mesmo tendo a função celeste e principalmente de anunciação, são retratados como figuras humanas, por vezes crianças, imagem corpórea, um mensageiro de Deus e, assim o elo se conclui entre o que é celeste, de anunciar uma boa nova, como as pinturas renascentistas fizeram com grande êxito. O terreno traz a imagem muito próxima ao humano e no caso de Dide as personalidades que

são características próprias dos seres humanos em seus anjos pintados no arco da igreja. “A Igreja ensina que os anjos foram criados num estado de felicidade e de graça, mas com a liberdade de escolher entre o Bem e o Mal” (NÉRET, 2003, p. 13).

Em relação a pintura de Dide Brandão, esse “engana o olho” que remete a expressão *trompe-l’oeil*, traz truques de perspectiva que acaba por interagir com os fiéis que estão sentados nos bancos da igreja, pois parece que um anjo está contando um segredo ao outro e, um terceiro tentar ouvir, percebemos esta cena claramente na figura 8, e a escolha entre o bem e o mal se faz presente nela, o segredo que é proibido e, o outro querendo ouvir o que não foi compartilhado consigo, é o humano expresso nas personalidades empregadas na pintura que transcendem dela a quem observa.

**Figura 8.** Detalhes dos anjos contando um segredo na pintura “Os anjos” de Dide Brandão na Igreja Imaculada Conceição



Fonte: Fotografia do autor (2022).

Pode-se também pensar a pintura “Os anjos” como resultado de uma inquietação do artista Dide Brandão em apresentar seus anjos em personalidades idênticas as suas irmãs, ou seja, aproxima-se a imagem do anjo ao convívio próximo. No catecismo a imagem de anjo representava criaturas perfeitas e o artista trouxe essa identidade para a concepção da obra, na qual a imagem conceberia o que mais valioso e perfeito ele possuía, suas irmãs. Esse olhar para a imagem do anjo na pintura de Dide Brandão traz à luz a imagem captada como o todo e

também por partes, ou seja, anjo por anjo, irmã por irmã; deste modo o olhar é um “instrumento que se move por si mesmo, meio que inventa seus fins” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 23).

Os detalhes nos rostos e asas dos anjos deixam ao mesmo tempo algo sagrado e profano, podemos ressaltar as asas tão parecidas com as utilizadas em várias imagens de anunciação do período renascentista, chegam a aparecer penas nas imagens das asas, e os olhos e formato do rosto tão humano que pode facilmente carregar não só o bem como o mal, não só o celeste como o terreno e, não somente o sagrado, mas também o profano.

A imagem dos anjos na figura 9, surge tão suave e com tanta leveza, que até mesmo poderiam ser dispensadas as asas, embora nesse detalhe elas nascem como um adereço, aqui não visualizamos a imagem de penas como na figura anterior. O anjo da esquerda com um olhar angelical, com uma leve inclinação para baixo, talvez querendo se comunicar com os fiéis e, o anjo da direita, lembra muitos já realizados na imagética da história da arte com um olhar mais firme, porém doce, uma feição celeste com os braços abertos pronto para acolher quem precisa, como em personalidade da irmã que acolhe e abraça os demais.

**Figura 9.** Detalhes das asas dos anjos na pintura “Os anjos” de Dide Brandão na Igreja Imaculada Conceição



Fonte: Fotografia do autor (2022).

As asas significam o transcender entre os mundos, entre a terra e o céu, como esses anjos se assemelham com as imagens de anjos da arte renascentista, precisam de asas para torná-los

celestes em virtude de serem tão reais que as asas os diferenciam dos humanos, para voar entre os mundos e o simbolismo da espiritualidade. Como seria o artista olhando para sua criação e, o que os anjos de sua criação tem a transmitir aos olhares de hoje, que apreciam a pintura sem conhecer as irmãs de Dide Brandão e suas personalidades e, mesmo assim, trazem referências de seu arquivo imagético para interpretá-las.

Na percepção entre o olhar de quem faz e de quem vê cabe compreender a escrita de Roland Barthes (1915-1980) que, em 1968, escreve “A morte do autor”; nessa narrativa, o escritor declarava o desligamento do autor com relação a sua escrita, assim propunha sua morte. Ao se pensar o pintor como escritor, após o término de sua obra, o pintor Dide Brandão morreria, e nasceria o observador.

O discurso barthesiano, exalta que “[...] um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor [...]” (BARTHES, 2004, p. 64). De tal modo, quando Dide Brandão pintou os anjos com as personalidades de suas sete irmãs, ele se deparou com múltiplas e diferentes personas, além de toda uma gama de aprendizagens em sua vida conforme observado em sua biografia. Relevante analisar se, esse não seria mais seu lugar e sim dos apreciadores/observadores atuais?

Nessa perspectiva, importa mencionar Merleau-Ponty (2013) quando aborda uma reflexão sobre o “dentro do fora” e o “fora do dentro”. É válido trazer essa reflexão, pois se a pintura do artista Dide Brandão pode ser entendida como o “fora daquilo que está dentro”, a imagem/obra apresenta para “fora” aquilo que são as escrituras múltiplas, as várias culturas externadas de “dentro” do artista, expondo uma visibilidade de “dentro” do Dide Brandão ao olhar do apreciador/observador, assim trazendo de “dentro aquilo que estava fora”. Pensar no apreciador/observador da obra “Os anjos” é perceber que a imagem não é vista como na origem do artista e suas irmãs, mas sim no seu destino, no observador que para Barthes seria o leitor e não o autor.

[...] a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito. (BARTHES, 2004, p. 64).

A narrativa da “Morte do Autor” aborda reflexões sobre o conceito de autor e autoria, uma vez que nada é criado do zero, o autor não é o criador de sua própria escrita, ela nasce com base em inúmeras experiências vivenciadas. Dessa forma, pode-se pensar que Dide Brandão não seria o criador da pintura “Os anjos”, porque a imagem nasceu com base na vivência diária com suas irmãs e, não criada do zero? Longe de responder a esse questionamento, mas se para um leitor nascer, um autor tem que morrer, então se pode viver para tentar explicar as pinturas dos artistas, os quais morrem para nunca mais morrer.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja católica, desde o Brasil-Colônia, vem fazendo parte do cenário histórico, cultural, simbólico e artístico do país, e não seria diferente em Santa Catarina. Suas edificações testemunham esse desenvolvimento urbano e social no surgimento de inúmeras cidades. Na atualidade, as igrejas se mobilizam na preservação de sua edificação e seus acervos.

Compreende-se com a pesquisa que a Igreja Imaculada Conceição, na cidade de Itajaí, é um exemplar que testemunha a história do surgimento do município desde seu curato, perpassando por suas ampliações e seus restauros. O espaço religioso também é considerado como o marco do nascimento da cidade, além de contar com a pintura do artista itajaiense Dide Brandão. A igreja serviu de instrumento balizador e apresentou-se como um valioso recurso que potencializou o processo de escrita da pesquisa.

A história da cidade de Itajaí é contada pela edificação de sua primeira igreja e cabe, a partir desse estudo, contar a história de Itajaí no que tange à “História da Arte como História da Cidade” e a biografia desse artista consagrado na arte brasileira como um referencial para a história da arte na cidade, conforme a “Vida dos Artistas” abordava. Itajaí pode não conhecer com profundidade sua obra, mas é inegável sua contribuição na trajetória da arte em Santa Catarina, tornando-se alusão na história da arte local, estadual e nacional.

A metodologia utilizada na análise da escrita do “Paradigma Indiciário” buscou um caminho no percorrer dos documentos que contam a origem da primeira igreja da cidade, na exaustão das fontes com um diagnóstico quase que microscópico. Esse caminhar se pautou no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí, em que as descobertas das histórias e dos vestígios de memórias revelaram os valores da edificação da igreja para as pessoas e para a época. Deste modo, desenvolveu-se por meio da pesquisa *in loco* um olhar apreciativo e



percepções que a fenomenologia conduz para com o trato das fontes pesquisadas na direção de um cunho histórico, conforme estudos sobre “O Olho e o Espírito”, possibilitando que se registrasse o que foi representativo para o surgimento da cidade de Itajaí.

Na análise da pintura de Dide Brandão despontou a reflexão sobre o autor e a autoria, considerações sobre “A Morte do Autor” captando a essência do artista em seu bem maior que foram suas irmãs na construção artística da obra. Na interpretação da pintura “Os Anjos”, compreendeu-se o valor da obra em seu tempo e em cada tempo. O artista volta a ocupar o cenário como personagem biografado, mas com uma compreensão sobre os fenômenos sociais e/ou artísticos que se fazem em diferentes abordagens.

Diante da pesquisa, sugerem-se futuras intervenções nesse lugar de memória que é a igreja, a fim de ponderar empiricamente suas ações e seu aporte na construção da memória do itajaiense. Considerando os alicerces apresentados por meio do tombamento da edificação e a salvaguarda do patrimônio cultural que consente na ressignificação de memórias, permitindo trazer à contemporaneidade a identidade local, cultural e artística da história da cidade para além de preservar a arquitetura, apresentar a história e disponibilizá-la à sociedade, propiciando essas memórias em favor do conhecimento científico.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio C. **História da arte como história da cidade**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In*: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

D'ÁVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí**. 2. ed. Florianópolis: IHGSC, 2018.

DRUMMOND, Antônio M. V. de. Anotações de A. M. V. de Drummond: à sua biographia. *In*: BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. **Annaes [...]**, Rio de Janeiro, 1836, p. 149. Referência escrita conforme a ortografia utilizada na época, destinada à guarda da memória da escritura.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

ITAJAÍ. **Decreto nº 7926, de 26 de junho de 2006**. Homologa o tombamento da “Igreja Imaculada Conceição”. Disponível em:



<https://leismunicipais.com.br/a/sc/i/itajai/decreto/2006/792/7926/decreto-n-7926-2006-homologa-o-tombamento-da-igreja-imaculada-conceicao>. Acesso em: 06 jan. 2022.

ITAJAÍ. Fundação cultural de Itajaí. **Inventário turístico-cultural**. In: Plano municipal de cultura. Itajaí: dezembro, 2013. Disponível em: [https://static.fecam.net.br/uploads/1527/arquivos/346326\\_Inventario\\_Itajai.pdf](https://static.fecam.net.br/uploads/1527/arquivos/346326_Inventario_Itajai.pdf). Acesso em: 05 jan. 2022.

MACHADO, Ana B. S. F. A. (org.). **Identificação do acervo cultural**: Cidade de Itajaí. Itajaí: Fundação Cultural de Itajaí. Depto de Patrimônio Histórico e Cultural. [s. n.], 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Edição eletrônica.

NÉRET, G. **Angels**. Tradução de Vanessa Marques. Itália: Taschen, 2003.

OLIVEIRA, Didymea L. de. **Itajaí do curato à globalização**. [s.l.: s.n.], 2011.

PEYERL, Angela L. A arte de J. Brandão (re)vista por meio da conservação e seus métodos de análise. In: ENCONTRO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM PATRIMÔNIO CULTURAL, 3. 2016, Joinville. **Anais [...]**, Joinville: Univille, 2017, p. 106-116. Disponível em: [http://univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Anais\\_ENIPAC.pdf](http://univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Anais_ENIPAC.pdf). Acesso em: 13 jan. 2022.

PEYERL, Angela L. J. Brandão: o artista e a importância da conservação nas suas obras como suporte de informação. In: ANUÁRIO DE ITAJAÍ 2010, Itajaí. **Anais [...]**, Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2010, p. 418-425.

ROTHBARTH, Marlene D. da S. **Itajaí em crônicas**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

SIMMEL, Georg. Roma. Uma análise estética. In: FORTUNA, Carlos (org.). **Simmel a estética e a cidade**. São Paulo: Annablume; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, PT, 2011.

SEVERINO, José R. Gênese e emancipação de Itajaí. In: ANUÁRIO DE ITAJAÍ 2005-2006, Itajaí. **Anais [...]**, Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2006, p. 299-302.

VASARI, Giorgio. **Vida dos artistas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VIEIRA E SILVA, Rosa de L. Igreja da Imaculada Conceição. In: DEÓLLA, Lindinalva (org.). **Itajaí imagens & memória**. 2. ed. Blumenau: Nova Letra, 2016. p. 120-121.

Submetido: 28/08/2022

Aceito: 29/11/2022

84